

SÉRIE CEPPAC
ISSN Formato Eletrônico 19822693

O46

**Existe um pensamento latinoamericano? Breve reflexões
sobre o debate entre Salazar Bondy e Leopoldo Zea.**

Simone Rodrigues Pinto

Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas

Brasília
2013



Reitor da UnB: Ivan Camargo
Diretor do ICS: Sadi Dal Rosso
Diretor do CEPPAC: Flávia Lessa de Barros
Editor da Série Ceppac: Simone Rodrigues Pinto

A Série Ceppac é editada pelo Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC) desde 2006. Visa a divulgação de artigos, ensaios e dados de pesquisa nas Ciências Sociais na qualidade de textos de trabalho que estejam em diálogo com as linhas de pesquisa do CEPPAC. A Série Ceppac incentiva e autoriza sua republicação.

ISSN formato eletrônico 19822693

Série Ceppac, n. 046, Brasília: CEPPAC/UnB, 2013.

Série Ceppac is edited by the Graduate Center for the Comparative Research on the Americas (CEPPAC) since 2006. Its purpose is to disseminate articles, essays and research data as working papers connected to the lines of investigation of CEPPAC. Série Ceppac encourages and authorizes its republication.

ISSN electronic format 19822693

Série Ceppac, n. 046, Brasília: CEPPAC/UnB, 2013.

Existe um pensamento latinoamericano? Breve reflexões sobre o debate entre Salazar Bondy e Leopoldo Zea.

Simone Rodrigues Pinto¹

O pensamento filosófico latinoamericano presente em José Vasconcelos, José Martí, Enrique Rodó, José Carlos Mariátegui e outros, encontra no debate entre o mexicano Leopoldo Zea e o peruano Augusto Salazar Bondy sua máxima expressão. A grande questão – se existe uma filosofia autêntica latinoamericana – segue atual. Apesar de ser uma discussão que vem desde o século XIX com Juan Bautista Alberdi, foi com estes dois filósofos que ganhou impulso e repercussão.

Salazar Bondy publicou em 1968 o livro *Existe una filosofía de nuestra América?*, questionando a existência de uma filosofia autêntica e original na América Latina. Leopoldo Zea, por sua vez, discute essa problemática em seu livro *La filosofía americana como filosofía sin más*, publicado em 1969, contestando as teses levantadas por Bondy.

O livro de Bondy (1968) traz três interrogações com relação à filosofia latino-americana :

Si há habido o no una filosofía de nuestra América, en caso de respuesta negativa si podría haberla y bajo que condiciones y, por último, hasta qué punto tiene sentido y valor tomar como tema u objeto privilegiado de atención la realidad latinoamericana?

Por meio de uma reflexão sobre os termos originalidade, autenticidade e peculiaridade, o autor conclui que a filosofia produzida pelos pensadores latino-americanos constitui-se em mera recepção e repetição imitativa do pensamento

¹ Professora do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC/UnB). E-mail: smartinsrodrigues@hotmail.com

européu. Para ele, original refere-se a uma criação inovadora e inédita e autêntico ao que é legítimo, verdadeiro, preciso. Em suas palavras “*“el aporte de ideas y planteos nuevos, en mayor o menor grado, com respecto a las realizaciones anteriores, pero suficientemente discernibles como creaciones y no como repeticiones de contenidos doctrinários”*”.

O conceito de autenticidade, por sua vez, é concebido pelo autor como “*...um producto filosofico - al igual que un produto cultural calquiera – que se da como propriamente tal y no como falseado, equivocado o desvirtuado*”. Significa que, quanto ao caráter de autenticidade, a filosofia hispanoamericana não o possui, pois se configurou sempre como consciência alienada frente aos problemas mais cruciais dos países hispano-americanos. A partir destas definições, conclui que os autores latinoamericanos não produzem inovações de conteúdo substantivo.

Para Bondy (1968), uma comunidade desintegrada, subdesenvolvida e dependente expressa, pois, uma filosofia sem originalidade e autenticidade. Tal constatação do autor leva à conclusão de que o problema da filosofia hispanoamericana não é um problema da filosofia como tal, mas da comunidade latinoamericana. A alienação decorrente da condição histórica de dominação gera um pensamento igualmente alienado, imperfeito e que não corresponde à realidade. Seria assim possível uma filosofia original a partir do momento em que lhe sejam dadas condições históricas de surgimento, ou seja, tendo sido superada a dependência em que se encontram os países hispano-americanos. A filosofia seria uma crítica radical e destrutiva aliada a uma práxis política de libertação. A consciência e negação da condição de dominação e subdesenvolvimento poderia ser capaz de desencadear a superação da alienação. Este deveria ser o papel da filosofia latino-americana. Bondy conclama os pensadores latino-americanos:

(...) orientemos nuestro filosofar, clara y decididamente en el sentido de tratar de cancelar la dominación interior y exterior, o sea, en el sentido de lo que puede llamarse una filosofía de la liberación, que es lo opuesto a la filosofía de la dominación”.
(1995, p. 156)

Em seu livro *Sentido y problema del pensamiento filosófico hispano-americano* (1969) afirma que falar sobre o processo filosófico da hispanoamérica é relatar os passos da filosofia ocidental/européia por sobre os países da região (p.203). Para ele, é possível listar as características gerais do pensamento hispano-americano, tais como: se pensa de acordo com modelos europeus; o que parece uma virtude é algo que mostra nossa falta de conteúdo ideológico: estamos abertos a todas as escolas do pensamento; ausência de uma tendência característica do pensamento; ausência de novas idéias, aportes, teses; sentimento de frustração intelectual, pois os filósofos da região sabem que seus pensamentos não são autênticos; distância entre os filósofos e a comunidade em geral; uma mesma tendência filosófica se apresentou em todos os países hispano-americanos, em função de suas características históricas comuns. Todas estas premissas representam muito bem a rejeição de Bondy da originalidade da produção latino-americana.

Por outro lado, Zea (2002) afirma que há uma tradição de pensamento autenticamente latino-americano e, nesse sentido, a melhor maneira de filosofar na América Latina é refletir a fundo sobre nossa peculiar maneira de ser e suas circunstâncias concretas. Para tanto, o caminho mais promissor é o da indagação recuperadora de nossa história e de modo especial da história das idéias de nossa América.

O argumento de Zea para combater as afirmações de Bondy baseiam-se na idéia de que não precisamos sequer fazer esta pergunta (existe uma filosofia de nossa América?). Ele afirma que quando nos perguntamos pela existência de uma filosofia americana estamos assumindo que somos diferentes, “distintos do resto dos homens?”, afinal os gregos, ao filosofar, simplesmente pensavam, criavam, ordenavam, separavam, situavam, definiam, ou seja, simplesmente filosofavam. (p.357). Esta postura de se perguntar se podemos fazer filosofia já está presente nas primeiras discussões filosóficas sobre a América Latina. O polêmico debate entre o frei Bartolomé de Las Casas e Juan Guines de Sepúlveda já tinha por centro a dúvida sobre a humanidade dos seres nativos, ou seja, dos índios. Portanto, a princípio, a filosofia latino-americana constituiu-se como afirmação antropológica do índio que sentiu-se como distinto, diferente do europeu e que por isso precisava ser considerado

como 'Homem'. Em seguida, século dezenove (XIX), há na história da filosofia latino-americana o que se denominou "emancipação mental" ou "a consciência do fato da dependência dos países latino-americanos com relação às suas metrópoles"-Portugal e Espanha. A relação de dependência entre colônias e metrópoles, segundo os propugnadores da "emancipação mental", apenas pode ser eliminada com a eliminação da cultura dependente em geral, ou seja, hábitos e costumes herdados das metrópoles, e não apenas eliminando-se a dominação política pela violência. Tal problemática constitui o campo da reflexão filosófica no século 19, juntamente com o Romantismo, corrente literário e filosófica que põe no contexto cultural latino-americano a questão de uma cultura latino-americana original ou, mais precisamente, de uma cultura nacional tal como as culturas e as identidades nacionais dos países europeus.

Zea cita Antonio Caso para dizer que se não se pode deixar de imitar, deve-se, pelo menos, inventar um pouco assimilar. Assimilar significa fazer próprio o que parecia estranho, acomodá-lo ao que se é, sem pretender acomodar o próprio ser ao que lhe é estranho. Ser original, portanto, é partir de si mesmo, do que se é, da própria realidade e não repetir problemas e questões alheias à sua realidade. Mas ser original não quer dizer, também, ser tão diferente que nada tenha a ver com a filosofia produzida no mundo.

“uma filosofia original, não porque acredita uma e outra vez em novos e estranhos sistemas, em novas e exóticas soluções, mas porque trata de dar resposta aos problemas que uma determinada realidade, num determinado tempo, originou”.

Zea lança mão da história da filosofia para mostrar que ela deve ser contingencial e jamais universal e transcendente. Repetindo Juan Bautista Alberdi, “não há uma filosofia universal porque não há uma solução universal às questões. Cada país, cada época, cada filósofo teve uma filosofia peculiar... porque cada país, cada época e cada escola deram soluções diferentes aos problemas do espírito humano”. Esta é a base do argumento de Zea para criticar Bondy. Para ele, o fato de necessitarmos de soluções diferentes e peculiares não significa que não vamos considerar a filosofia européia como ponto de partida para soluções que, por

diferentes que sejam, nem por isso deixam de estar relacionadas com os problemas gerais do homem. O importante é que esta dinâmica não significa que nossa filosofia não seja original.

Zea ainda acusa o europeu que recusa a aceitar a filosofia latinoamericana ou a acusa de “imitação” ou “má cópia”, o faz porque tem uma orgulhosa pretensão de arquétipo universal. (p.384). Nesse sentido, adverte o autor, não se deve buscar a compreensão da filosofia latino-americana pelas semelhanças que tenha com a filosofia européia: só encontrar-se-ão distorções! É preciso, ao contrário, buscar a relação dessa filosofia européia importada, com a realidade latino-americana.

Em suma, ele concebe a filosofia latino-americana, ao responder as três interrogações de Salazar Bondy, de forma distinta:

En primer lugar há habido una tradición de pensamiento auténticamente latinoamericano y dejarla de lado es una de las peores y más nefastas actitudes que pueda tomar un pensador que pretenda seguir aportando a ese proceso. En cuanto al segundo aspecto, es indudable que la filosofía es un elemento que debe colaborar en el proceso de destrucción del subdesarrollo y la dependencia presente Com nuestra filosofía sin más o sea, plenamente ideológica en función de la transformación de una realidad intolerable, se garantizará un cambio efectivamente radical. Por último, no sólo cabe pensar en un tema u objeto específico de reflexión, sino que debe advertirse que es el componente ineludible e específico del pensar latinoamericano. (ZEA, 2002)

Diferentemente de Bondy, Zea afirma que para ser original e autêntica, a filosofia latino-americana não precisa ser inovadora, ou seja, ela pode beber em outras fontes, mas deve adaptar os cânones da filosofia ocidental à sua realidade. Ele se apóia em uma perspectiva historicista para criticar o universalismo hegemônico e abstrato da filosofia ocidental e afirmar que é necessário filosofar sobre os problemas emergidos das circunstâncias latino-americanas, como expressão histórico-cultural

concreta. É justamente nesse esforço que se dará a originalidade e não na “capacidade dos latino-americanos para criar sistemas filosóficos tal como fizeram os filósofos europeus” (ZEA, 2002).

A autenticidade estaria, para ele, presente também no processo de assimilação e acomodação do pensamento ocidental à realidade latino-americana, tomando o cuidado de tornar próprios certos valores que se apresentam como universais sem acomodar o próprio ser ao que é estrangeiro. Assim, o que é considerado como “cópias malfeitas do filosofar por excelência vão se convertendo em expressões originais de um pensamento que tem adaptado ou supostamente imitado à realidade que lhe apresenta problemas que urge resolver”. (ZEA, 2002).

Leopoldo Zea propõe, pois, uma filosofia plenamente ideológica, capaz de buscar soluções aos problemas da dependência e dominação a que estão submetidos os países latino-americanos; uma filosofia como instrumento de transformação da realidade. Com efeito:

"La filosofía es un elemento que debe colaborar en el proceso de destrucción del subdesarrollo y la dependencia presente (...). Com nuestra filosofía sin más o sea, plenamente ideológica en función de la transformación de una realidad intolerable, se garantizará un cambio efectivamente radical."

Nesse sentido, Zea concebe a filosofia na perspectiva da ação, uma ‘filosofia da práxis’ e ressalta, inclusive, o fato de que tal concepção de filosofia (voltada para a práxis) é tendência crescente no cenário filosófico latino-americano. Tendência que acentua-se cada vez mais em contraposição àquelas tendências especulativas presentes na história da filosofia latino-americana dos períodos anteriores.

O debate entre os autores surge em um período de grande efervescência política, social e cultural, em que se lança os fundamentos da filosofia da libertação na América Latina. Este debate vai marcar outros pensadores a partir da segunda metade do século XX.

Referencias bibliográficas

BONDY, Salazar. *Dominación y liberación*. Universidad San Marcos, 1995.

BONDY, Salazar. *Existe una filosofía de nuestra América?*. Siglo Veintiuno Editores, 1968.

BONDY, Salazar. *Sentido y problema del pensamiento filosófico hispanoamericano*. Kansas, Center of Latin American Studies, 1969.

ROSENMAN, Marcos Roiman. *Pensar América Latina. El Desarrollo de la sociología latinoamericana*. Buenos Aires, Clacso, 2008.

ZEA, Leopoldo. *Discurso desde a marginalização e a Barbarie*, Garamond, 2002.

ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. Barcelona: Ariel, 1976.